

# DESAPARECIDAS

## LAUREN OLIVER

**Tradução**

Cláudia Mello Belhassof

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2015



VERUS  
EDITORA

A parte engraçada de quase morrer é que, depois disso, todo mundo espera que você embarque no trem da felicidade e saia por aí caçando borboletas pelos gramados ou vendo arco-íris em poças de óleo na estrada. “É um milagre”, eles dizem com um olhar de expectativa, como se você tivesse recebido um baita presente, e é melhor não decepcionar a vovó fazendo uma careta quando abrir o pacote e encontrar um suéter malfeito e deformado.

A vida é mais ou menos isto: cheia de buracos, nós e maneiras de ficar preso. Desconfortável e dá coceira. Um presente que você nunca pediu, nunca quis, nunca *escolheu*. Um presente que você deveria ficar empolgado para usar, dia após dia, mesmo quando gostaria de permanecer na cama sem fazer nada.

A verdade é a seguinte: você não precisa de habilidade nenhuma para quase morrer nem para quase viver.

A N T E S

27 DE MARÇO

NICK

— Quer brincar?

Essas são as duas palavras que eu ouvi com mais frequência na vida. *Quer brincar?* Enquanto Dara, aos quatro anos, entra em disparada pela porta de tela, os braços estendidos, voando para o nosso jardim da frente sem esperar minha resposta. *Quer brincar?* Enquanto Dara, aos seis anos, sobe na minha cama no meio da noite, os olhos arregalados e tocados pela luz da lua, o cabelo molhado cheirando a xampu de morango. *Quer brincar?* Dara, aos oito anos, soando a buzina da sua bicicleta; Dara, aos dez anos, misturando as cartas do baralho no deque úmido da piscina; Dara, aos doze anos, girando uma garrafa vazia de refrigerante pelo gargalo.

Dara, aos dezesseis anos, também não espera minha resposta.

— Chega pra lá — ela diz, cutucando a coxa da melhor amiga, Ariana, com o joelho. — Minha irmã quer brincar.

— Não tem espaço — Ariana diz, soltando um gritinho quando Dara se inclina para cima dela. — Desculpa, Nick. — Elas estão esmagadas com meia dúzia de outras pessoas em um estábulo abandonado no celeiro dos pais de Ariana, que cheira a serragem e, de leve, esterco. Há uma garrafa de vodca pela metade sobre o chão batido, além de alguns fardos de cerveja e uma pequena pilha de peças de roupa: um cachecol, duas luvas desencontradas, um casaco grosso e o suéter rosa justo de Dara, com as palavras “Rainha Má” bordadas nas

costas em strass. Parece um tipo de ritual de sacrifício bizarro para os deuses do strip pôquer.

— Não se preocupa — digo rapidamente. — Não preciso jogar. Só vim dizer um oi, na verdade.

Dara faz uma careta.

— Você acabou de chegar.

Ariana coloca as cartas no chão com a face para cima.

— Trinca de reis. — Ela abre uma cerveja, e a espuma borbulha ao redor do nó de seus dedos. — Matt, tira a camisa.

Matt é um garoto magrelo que parece ter o nariz um pouco grande demais e a expressão nebulosa de quem está prestes a ficar muito bêbado. Como ele está de camiseta — preta, estampada com a imagem misteriosa de um castor de um olho só —, suponho que o casaco grosso pertença a ele.

— Estou com frio — ele reclama.

— A camiseta ou a calça. Você decide.

Matt suspira e começa a se livrar da camiseta, mostrando as costas magras salpicadas de acne.

— Onde está o Parker? — pergunto, tentando parecer casual, e me odiando por ter que tentar. Mas, desde que Dara começou... *aquilo* que está fazendo com ele, ficou impossível conversar com meu ex-melhor amigo sem me sentir como se um enfeite de Natal tivesse entalado no fundo da minha garganta.

Dara congela no ato de redistribuir as cartas. Mas só por um segundo. Ela joga a última na direção de Ariana e levanta a mão.

— Não faço ideia.

— Mandei mensagem pra ele — comento. — Ele disse que vinha.

— É, bom, talvez ele tenha *ido embora*. — Os olhos escuros de Dara vêm rapidamente até os meus, e a mensagem é clara. *Esquece isso*. Acho que eles devem ter brigado de novo. Ou talvez não, e esse seja o problema. Talvez ele se recuse a cooperar.

— A Dara tem um *novo* namorado — Ariana cantarola, e Dara dá uma cotovelada nela. — Bom, você tem, né? Um namorado *secreto*.

— Cala a boca — Dara diz com agressividade. Não consigo definir se ela está mesmo com raiva ou só fingindo.

Ari finge fazer um biquinho.

— Eu conheço? Só me diz se eu *conheço* o cara.

— De jeito nenhum — Dara responde. — Sem pistas. — Ela baixa as próprias cartas e fica de pé, limpando a bunda da calça jeans. Está usando botas de salto anabela com borda de pele e uma camiseta metálica que nunca vi, que parece ter sido jogada sobre seu corpo e deixada ali para endurecer. Seu cabelo, recentemente tingido de preto e perfeitamente escovado com secador, parece óleo esparramado sobre os ombros. Como sempre, eu me sinto o Espantalho perto da Dorothy. Estou usando um casaco volumoso que minha mãe comprou quatro anos atrás, para uma viagem de esqui até Vermont, e meu cabelo, no tom castanho comum de cocô de rato, está puxado para trás no rabo de cavalo característico.

— Vou pegar um drinque — Dara diz, apesar de estar bebendo cerveja. — Alguém quer?

— Traz umas misturas — Ariana responde.

Dara não dá a menor indicação de que ouviu. Ela me puxa pelo pulso e me leva para fora do estábulo e para dentro do celeiro, onde Ariana — ou a mãe dela? — arrumou algumas mesas dobráveis com tigelas de batatas chips e pretzels, guacamole e biscoitos de pacote. Tem uma bituca de cigarro enfiada num pote de guacamole e latas de cerveja flutuando numa enorme tigela de ponche cheia de gelo meio derretido, como navios tentando navegar no Ártico.

Parece que a turma toda do colégio de Dara saiu esta noite, e mais ou menos metade da minha — apesar de os alunos do terceiro ano normalmente não se dignarem a invadir uma festa do segundo, os alunos do *segundo semestre* do terceiro ano nunca perdem uma oportunidade de comemorar. Luzes de Natal estão penduradas entre os estábulos, e só três deles contêm cavalos de verdade: Misty, Luciana e Mister Ed. Eu me pergunto se os cavalos estão incomodados com o baixo

abafado da música ou com o fato de, a cada cinco segundos, um aluno do segundo ano bêbado enfiar a mão pelo portão, tentando fazer o animal morder um Cheetos.

Os outros estábulos, os que não estão empilhados com selas antigas, ancinhos sujos e equipamentos de fazenda enferrujados que de alguma forma vieram parar aqui e venceram — apesar de que a única coisa cultivada pela mãe de Ariana é o dinheiro dos três ex-maridos —, estão cheios de adolescentes brincando de jogos com bebidas, se esfregando ou, no caso de Jake Harris e Aubrey O'Brien, se comendo. A sala de equipamentos equestres, me disseram, foi informalmente tomada pela galera que fuma maconha.

As grandes portas deslizantes do celeiro estão abertas para a noite, e o ar frio sopra lá de fora. Na parte inferior da colina, alguém está tentando acender uma fogueira no campo de treino, mas está caindo uma chuva fina, e a madeira não pega fogo.

Pelo menos Aaron não está aqui. Não tenho certeza se aguentaria vê-lo esta noite — não depois do que aconteceu no último fim de semana. Teria sido melhor se ele tivesse enlouquecido — se tivesse surtado e gritado ou espalhado boatos pelo colégio de que eu tenho clamídia ou alguma coisa assim. Aí eu poderia odiá-lo. Aí tudo faria sentido.

Mas, desde o término, ele tem sido epicamente educado, como se fosse vendedor da Gap. Como se *realmente* esperasse que eu fosse comprar alguma coisa, mas não quisesse forçar a barra.

— Ainda acho que ficamos bem juntos — ele dissera, do nada, enquanto devolvia meu suéter (lavado, é claro, e dobrado) e uma variedade de bugigangas que eu tinha deixado no carro dele: canetas, um carregador de celular e um globo de neve esquisito que eu vi em promoção na CVS. O colégio tinha servido macarrão à marinara no almoço, e havia um pouquinho de molho no canto da sua boca. — Talvez você mude de ideia.

— Talvez — eu dissera. E eu realmente tinha esperanças, mais do que qualquer outra coisa no mundo, de mudar de ideia.

Dara pega uma garrafa de licor Southern Comfort e despeja sete centímetros num copo de plástico, jogando Coca-Cola por cima. Mordo o interior do meu lábio, como se pudesse engolir as palavras que realmente quero dizer: esse deve ser *pelo menos* o seu terceiro drinque; ela já está na lista negra da mamãe e do papai; devia ficar longe de encrencas. Ela fez com que nós duas fôssemos parar na *terapia*, pelo amor de Deus.

Em vez disso, digo:

— E aí. Namorado novo, é? — Tento manter a voz suave.

Um canto da boca de Dara se curva num sorriso.

— Você conhece a Ariana. Ela exagera. — Ela prepara outro drinque e coloca na minha mão, batendo nossos copos de plástico um no outro. — Saúde — diz e toma um golão, esvaziando metade do copo.

O drinque tem um cheiro suspeito de xarope. Eu o coloco ao lado de um prato de enroladinhos de salsicha que parecem dedos murchos envolvidos em gaze.

— Então não existe um homem misterioso?

Dara ergue um ombro.

— O que eu posso dizer? — Ela está usando sombra dourada, e um pouco lhe cobre as bochechas; parece alguém que escapou acidentalmente do mundo das fadas. — Sou irresistível.

— E o Parker? — pergunto. — Mais problemas no paraíso?

Instantaneamente me arrependo da pergunta. O sorriso de Dara desaparece.

— Por quê? — ela quer saber, os olhos agora sombrios, sérios. — Você quer dizer “eu te avisei” de novo?

— Esquece. — Eu viro, me sentindo exausta de repente. — Boa noite, Dara.

— Espera. — Ela me segura pelo pulso. Num piscar de olhos, a tensão desaparece, e ela sorri de novo. — Fica, tá bom? *Fica*, Ninpin — ela repete quando hesito.

Quando Dara fica assim, doce e suplicante, como seu eu antigo, como a irmã que costumava subir no meu peito e me implorar, com

os olhos arregalados, para acordar, acordar, é quase impossível resistir a ela. Quase.

— Tenho que acordar às sete — digo enquanto ela me leva para fora, para o barulhinho da chuva. — Prometi à mamãe que ia ajudar a arrumar tudo antes que a tia Jackie chegue.

Durante o primeiro mês mais ou menos, depois que meu pai anunciou que ia embora, minha mãe agiu como se absolutamente nada estivesse diferente. Mas, recentemente, ela tem se *esquecido*: de ligar a lava-louça, de acertar o despertador do relógio, de passar suas roupas de trabalho, de aspirar a casa. É como se, toda vez que ele tira mais um item da casa — sua poltrona favorita, o conjunto de xadrez que ele herdou do pai, os tacos de golfe que nunca usa —, levasse um pedaço do cérebro dela junto.

— Por quê? — Dara revira os olhos. — Ela só vai trazer cristais de limpeza pra fazer o trabalho. Por favor — ela acrescenta. Dara precisa erguer o tom de voz para ser ouvida acima da música; alguém acabou de aumentar o volume. — Você *nunca* sai.

— Isso não é verdade — digo. — É que você *sempre* sai. — As palavras saem mais duras do que eu pretendia. Mas Dara apenas ri.

— Não vamos brigar hoje, tá bom? — ela pede e se aproxima para me dar um beijo no rosto. Seus lábios são grudentos como bala. — Vamos ser felizes.

Um grupo de garotos — do segundo ano, suponho — reunidos à meia-luz do celeiro começa a assobiar e a aplaudir.

— Isso aí! — um deles grita, levantando uma cerveja. — Lesbismo!

— Cala a boca, babaca! — Dara responde. Mas ela está rindo. — Ela é minha *irmã*.

— Essa definitivamente é a minha deixa — digo.

Mas Dara não está escutando. Seu rosto está corado, os olhos brilhando por causa do álcool.

— Ela é minha irmã — Dara anuncia de novo, para ninguém e para todos, já que ela é o tipo de pessoa que os outros assistem, desejam, seguem. — *E* minha melhor amiga.

Mais assobios, uma rodada de aplausos. Outro cara grita:

— Manda ver!

Dara joga um braço sobre o meu ombro, se aproxima para sussurrar no meu ouvido, o hálito doce e penetrante por causa da bebida.

— Melhores amigas pra vida toda — ela fala, e não sei mais se está me abraçando ou se apoiando em mim. — Certo, Nick? Nada... *nada...* pode mudar isso.

## D E P O I S

[http://www.theShorelineBlotter.com/28demarco\\_acidenteseregistros](http://www.theShorelineBlotter.com/28demarco_acidenteseregistros)

Às 23h55, a polícia de Newark atendeu a um chamado referente a uma batida na Route 101, ao sul do Motel Shady Palms. A motorista, Nicole Warren, 17, foi levada para o Eastern Memorial com ferimentos leves. A passageira, Dara Warren, 16, que não estava usando cinto de segurança, foi levada de ambulância para o CTI e, no momento desta publicação, permanece em estado crítico. Estamos todos rezando por você, Dara.

Tããão triste. Espero que ela saia dessa!

Publicado por: mamaeurso27 às 6h04

Moro perto dessa estrada e ouvi a batida a quase um quilômetro de distância!!!

Publicado por: lindinha27 às 8h04

Esses jovens acham que são indestrutíveis. Quem não usa cinto de segurança? A culpa é dela mesma.

Publicado por: markhhammond às 8h05

Tenha um pouco de compaixão, cara! Todo mundo faz besteira.

Publicado por: trickmatrix às 8h07

Algumas pessoas são mais burras que outras.

Publicado por: markhhammond às 8h08

Foi uma noite agitada para a polícia de Main Heights. Entre meia-noite e uma da manhã de quarta-feira, três adolescentes da região realizaram vários pequenos furtos na área ao sul da Route 23. A polícia primeiro respondeu a um chamado da 7-Eleven da Richmond Place, onde Mark Haas, 17, Daniel Ripp, 16, e Jacob Ripp, 19, ameaçaram e agrediram um funcionário antes de fugir com dois pacotes de cerveja, quatro caixas de ovos, três pacotes de bolinhos e três embalagens de carne em conserva. A polícia perseguiu os três adolescentes até a Sutter Street, onde eles destruíram meia dúzia de caixas de correio e jogaram ovos na casa do sr. Walter Middleton, professor de matemática do colégio dos adolescentes (no início do ano, segundo informações, o professor ameaçou reprovar Haas por suspeita de cola). A polícia finalmente capturou e prendeu os adolescentes no Carren Park, mas não antes de os três roubarem uma mochila, duas calças jeans e um par de tênis nas imediações da piscina pública. As roupas, segundo o relatório policial, pertenciam a dois adolescentes que estavam nadando pelados, ambos levados à delegacia de Main Heights... depois de recuperar suas roupas, assim esperamos.

Dannnnnny... vc é uma lenda.

Publicado por: grandtheftotto às 12h01

Vai cuidar da sua vida.

Publicado por: maedetres às 12h35

A ironia é que esses garotos provavelmente vão trabalhar na 7-Eleven daqui a pouco tempo. De alguma forma, não vejo esses três como neurocirurgiões.

Publicado por: hal.m.woodward às 14h56

Nadando pelados? Eles não congelaram?? :P

Publicado por: maddiebonita às 19h22

Por que o artigo não diz o nome dos “dois adolescentes que estavam nadando pelados”? Invadir propriedade privada é crime, não é?

Publicado por: cienciavigilante01 às 21h01

Obrigado pelo comentário. É crime, sim, mas nenhum dos dois adolescentes foi acusado.

Publicado por: admin às 21h15

O sr. Middleton é um porre.

Publicado por: hellicat15 às 23h01